

# ***Sobre o conceito de História em Walter Benjamin***

## *On the concept of History in Walter Benjamin's Work*

Renata Ribeiro Gomes de Queiroz Soares\*

Este trabalho tem por objetivo, primeiramente, apresentar considerações gerais sobre o texto, de Walter Benjamin, "Sobre o conceito de história". A seguir, buscar-se-á refletir sobre a importância da memória na filosofia histórica do autor.

*This work aims at presenting general considerations on Walter Benjamin's text "On the concept of history". It also reflects on the importance of memory in the author's philosophy of history.*

*Palavras-chave: História. Memória. Walter Benjamin.*

*Key words: History. Memory. Walter Benjamin.*

### ***Introdução***

"Sobre o Conceito de História", escrito por Walter Benjamin, é o texto base para o desenvolvimento deste artigo. Escritas em 1940, ano em que o autor morreu, as 18 teses que compõem o texto refletem todo o descontentamento, desilusão e pessimismo revolucionário de Benjamin com os acontecimentos que se desenrolavam, especialmente na Europa, e o rumo que a história seguia, apesar dos avanços tecnológicos e científicos que se evidenciavam. Com uma visão oposta àquela que, em geral, vigorava, Walter Benjamin, de maneira quase profética, defende a ideia de que a onda de progresso crescente e promissor, do mundo industrial, culminaria em terrível catástrofe para a humanidade.

Não se objetiva, neste trabalho, abordar de forma detalhada cada uma das teses. Depois de tecer algumas considerações mais gerais sobre as mesmas, busca-se refletir sobre a importância da memória na filosofia histórica de Walter Benjamin.

Escrita em forma de ensaios ou fragmentos, o conjunto da obra de Benjamin abriga temas variados que perpassam história, política, arte, cultura, literatura e teologia. Por sua profunda capacidade de reflexão e análise, o pensamento do autor permanece atual e instigante.

---

\* Professora do Instituto Federal Fluminense, onde leciona Inglês, no Ensino Médio; "Linguagem fotográfica e cinematográfica", no curso de Design Gráfico e "Imagem e memória", na pós-graduação em Literatura, Memória Cultural e Sociedade. Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF, Doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: reqsoares@gmail.com.

Segundo Jeanne Marie Gagnebin (1994), toda a sua obra é atravessada pelo conceito de “experiência” (“*Erfahrung*”). De um texto escrito em 1913, intitulado “*Erfahrung*”, até as teses escritas quase trinta anos após, este conceito central na obra benjaminiana foi sendo pouco a pouco ampliado. Em seus textos dos anos 1930, ele levanta a questão sobre o declínio da experiência tradicional, no sentido pleno – a experiência que está relacionada à tradição tanto na vida coletiva como na vida privada – e a substituição desta pela experiência vivida de maneira individualizada (“*Erlebnis*”). Esta nova situação, que para Benjamin se instala em decorrência das mudanças que o capitalismo promove nas sociedades modernas, implica um enfraquecimento da tradição e de uma memória comuns, fruto de experiências compartilhadas coletivamente, bem como transformações na atividade narradora, que deixa de ser feita na forma de relato de um narrador a um ouvinte e passa a ser exercida na forma de romance, considerada por Benjamin, a forma típica de narração na sociedade burguesa moderna.

### ***Algumas considerações sobre o conceito de história em Walter Benjamin***

Nas teses *Sobre o conceito de história*, Walter Benjamin constrói um texto alusivo e hermético que, mesmo depois de tantos anos, ainda permanece enigmático e, até mesmo, paradoxal em alguns sentidos. Elaboradas na tensão entre texto e imagens metafóricas, as teses reforçam o pensamento do autor de “não renunciar a nada que possa demonstrar que a representação materialista da história é imagética [*bildhaft*] num sentido superior que a representação tradicional” (BENJAMIN, 2009, p. 505). As três grandes imagens das teses são: o tabuleiro de xadrez turco (tese I), o anjo da história (tese IX) e as mônadas (tese XVII). As teses mostram que sua filosofia da história tem por base três “correntes” bastante diferentes.

A primeira é o Romantismo alemão. Sua forte ligação com a tradição romântica pode ser observada desde uma de suas primeiras obras, intitulada *Romantik*, publicada em 1913. Mais que uma escola literária e artística, o Romantismo é, para Walter Benjamin, “[...] arte, conhecimento e práxis e, ao mesmo tempo, um desejo de renovação” (LÖWY, 2005, p.19).

Segunda corrente, o messianismo judeu “[...] está, segundo Benjamin, no cerne da concepção romântica do tempo e da história” (LÖWY, 2005, p.21). Em suas teses, o espírito messiânico é o componente fundamental capaz de agir, mesmo de forma oculta, junto com o materialismo histórico na vitória das classes oprimidas sobre o fascismo (tese I). Além disso, para o autor, cada geração tem um pequeno poder messiânico capaz de liberar os sonhos e desejos de futuro da geração anterior, de contribuir para a realização de objetivos que não puderam ser alcançados pelos seus antepassados (tese II).

O marxismo, a terceira corrente, passa a fazer parte do pensamento do autor

a partir da leitura, em 1924, da obra de Lukács intitulada *História e consciência de classe*. Foi nessa época que Benjamin tomou conhecimento do comunismo e, envolvido pela literatura marxista, foi aos poucos articulando-a em sua concepção do processo histórico, com interesse especial pela luta de classes. Conforme Löwy (LÖWY, 2005, p. 17), em sua filosofia histórica, Walter Benjamin não faz apenas uma combinação dessas correntes que, aparentemente, parecem incompatíveis, mas utiliza-as para, a partir delas, produzir um conceito de história novo e original. Seu conceito de história, ao se opor à ideia de continuidade de tempo homogêneo, só pode ser pensado como crítica. O historicismo conservador, o evolucionismo social-democrata, o progresso técnico e a consequente exploração da natureza e o marxismo vulgar serão o alvo principal de suas críticas.

Trabalho de suma importância para o século XX, as teses *Sobre o conceito de história* propõem uma visão histórica “do ponto de vista dos vencidos”, das classes oprimidas. Sob este prisma, a história nada mais é do que uma sucessão de derrotas, de opressão e de esmagamento do dominado por seu dominador maior: o fascismo. Capaz de dominar e manipular multidões populares, o fascismo é o responsável pela “[...] falsificação, em escala sem precedentes, do passado” (LÖWY, 2005, p. 66).

A historiografia vigente, totalmente contrária à visão proposta pelo autor, configura o relato histórico como a narrativa de sucessivas vitórias das classes dominantes: reis, imperadores, papas. O poder dessas classes advém, não só por sua força econômica e política, mas especialmente porque “pressupõe sempre um triunfo histórico no combate às classes subalternas” (LÖWY, 2005 p. 60). Essa visão estabelecida pelos historiadores do Historicismo deve-se, para Benjamin, à inegável identificação afetiva (“*Einfühlung*”) que se estabelece entre esses historiadores e os vencedores – que marcham juntos “[...] no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que hoje jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais” (tese VII).

Para Benjamin, o conceito de cultura traz em si a barbárie, pois é concebido “como conceito de um tesouro de valores considerado de forma independente, não do processo de produção do qual nasceram os valores, mas do processo no qual eles sobrevivem” (BENJAMIN, 2009, p. 509). É nesse contexto que ele entende o documento da cultura como o documento da barbárie, os testemunhos da civilização como testemunhos da barbárie e como a celebração das guerras e dos massacres delas resultantes. Os conceitos de cultura e educação vigentes e registrados pelo historicismo são aqueles do ponto de vista dos que triunfaram sobre os oprimidos. Walter Benjamin, absolutamente em oposição à subserviência deste historicismo, propõe “[...] escovar a história a contrapelo”, isto é, opor a tradição dos oprimidos à versão oficial da história, lutar contra a corrente, interferindo no que poderia ser considerado “o curso natural da história”. Nesse sentido, o aspecto do marxismo que mais vai lhe interessar é a luta de classes (LÖWY, 2005, p. 59) (tese IV). Com uma posição que se opõe ao “marxismo

evolucionista vulgar”, a revolução não é para ele uma consequência natural do progresso econômico e tecnológico, mas sim o meio capaz de por fim a uma evolução histórica, que é a seu ver, fadada à catástrofe.

O filósofo do romantismo alemão F. Schlegel afirma que “o historiador é um profeta que olha para trás”. A história, ao mesmo tempo em que está distante, está, também, em nós de forma real e indestrutível. Na tese IX, um de seus textos mais conhecidos, a imagem do “anjo da história” é construída em cima de um quadro de Paul Klee, “*Angelus Novus*”, adquirido por Walter Benjamin em sua juventude. Voltado para o passado, o anjo da história vê o futuro. Onde nós vemos evolução, construção e progresso, ele só vê catástrofe. Nesta tese, fica claro que, para o autor alemão, o progresso é a “tempestade” que tudo arruína, destrói e que vem contribuir de forma decisiva para a catástrofe “[...] que sem cessar amontoa escombros sobre escombros”. O anjo é obrigado a ver a catástrofe e não tem como impedi-la. Ele gostaria que o vento parasse para que ele pudesse fechar as asas e “despertar os mortos e juntar os destroços”. As ruínas são como mônadas que contêm em si universos inteiros. Nesse sentido, as ruínas escondem a imagem do futuro e podem significar o início de algo novo. Esse algo novo só poderá surgir, no entanto, pela “interrupção messiânica/revolucionária do Progresso” (LÖWY, 2005, p. 93).

É preciso esclarecer que Walter Benjamin não é um conservador contrário à modernidade, para quem o progresso é, necessariamente, “destruidor”. O autor aceita a ideia de que houve progresso na ciência e no conhecimento como um todo. Ele se opõe à ideia de que o progresso humano esteja totalmente atrelado às descobertas técnicas, à dominação da natureza e ao sistema de produção que o capitalismo imputa aos operários. Situada no contexto da tradição marxista, sua crítica ao progresso tem grande valor. Ele critica a crença cega que o conformismo social-democrata deposita no progresso técnico sem atentar para os terríveis retrocessos sociais que a modernidade industrial/capitalista impõe, principalmente, à classe operária. Ele refuta a ideia de um progresso pacífico, igual para todos, que a teoria da social-democracia tenta fazer parecer que existe. Além disso, em sua crítica ao otimismo que vigorava em relação aos padrões de progresso da época, ele aponta para os perigos que surgem junto com o desenvolvimento técnico no que se refere ao desenvolvimento de armamentos e à exploração da natureza.

Em sua tese XIII, Benjamin deixa claro que é preciso observar a diferença entre o progresso da humanidade e o progresso de suas habilidades e conhecimentos. Onde a teoria social-democrata vê um progresso “interminável” e “irresistível”, caminhando junto com o progresso da humanidade, Benjamin vê a continuidade da dominação e chama a atenção para o avanço da história “[...] percorrendo um tempo homogêneo e vazio”. É preciso lutar contra esse avanço e romper radicalmente com essa “história milenar da opressão” (LÖWY, 2005, p. 117).

“A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora”, afirma Benjamin

em sua tese XIV. Ao tempo homogêneo e vazio (*Chronos*), Benjamin opõe um tempo qualitativo, heterogêneo e pleno que foi comparado por Adorno ao *Kairós* do socialista cristão Paul Tillich (LÖWY, 2005, p.119). O *Kairós* refere-se a uma experiência temporal durante a qual somos capazes de perceber o momento oportuno, o instante singular que guarda a hora certa da ação. É um tempo não absoluto, não linear e não contínuo que está relacionado à qualidade construtiva da história. E somente pela revolução é possível dar “[...] o salto do tigre em direção ao passado” e romper com a continuidade do tempo histórico. Pois “[...] a consciência de fazer explodir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação” (tese XV).

A historiografia materialista, por Benjamin defendida, destaca-se do historicismo, entre outros fatores, pelo método do qual faz uso. Enquanto o historicismo tradicional satisfaz-se em estabelecer uma relação de causa entre os fatos históricos e desenvolve uma concepção de acumulação de acontecimentos para preencher “o tempo homogêneo e vazio”, a historiografia materialista apoia-se no “princípio construtivo” do tempo histórico. O materialista histórico olha para a história buscando ver as mônadas (tese XVII). A história, para ele, não é um momento fechado em si mesmo. Cada momento da história tem relação com outra época, com outro século, outro período, outra tendência, outro movimento. Cada momento é como uma semente que está pronta para germinar no tempo da história, e contribuir para o processo de construção da história. Ao buscar as mônadas, o historiador do materialismo histórico demonstra seu desejo de interromper o fluxo do tempo e mostrar que a partir de uma pequena ideia, a história que se formou poderia ter sido diferente.

Walter Benjamin procura ver a história do ponto de vista dos que tiveram sua voz calada e não puderam se manifestar. Ele busca os indícios da história a partir deste ponto de vista e formula uma “história do coração”. Seu objetivo é tirar o foco da história dos reis e imperadores e deslocá-lo para os desprovidos. Deste modo ele leva o leitor a perceber que aqueles que não puderam se manifestar, que foram calados têm, também, seu próprio poder. Sua ideia seria voltar aos acontecimentos e batalhas e *criar* uma nova abordagem, a partir de outro ponto de vista.

Voltar aos acontecimentos e rememorar-los parece ser imprescindível no processo de construção desta nova história, conforme proposta por Walter Benjamin. A rememoração é o que pode impelir as novas gerações a perseverar na luta contra os opressores.

### ***História, Memória e Redenção em Walter Benjamin***

O poder da rememoração já era reconhecido na Grécia arcaica onde foram produzidos documentos de natureza religiosa que dizem respeito à divinização da memória e ao mito de Mnemosine, a deusa grega da memória que iluminava os aedos

“[...] sobre tudo que foi, tudo que é, tudo que será” (VERNANT, 1990, p. 138). No mundo contemporâneo, distante dos relatos e explicações míticas, o direito de memória não é mais concedido pela deusa grega Mnemosine, nem é exclusivo dos poetas. A tarefa de rememoração passa a ser, também, do historiador.

Para Le Goff, é a partir da segunda metade do século XX que as sociedades passam a destacar com maior veemência o papel que a memória coletiva desempenha. “A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (2003, p. 469). Esta afirmativa corrobora o pensamento benjaminiano de que a memória tem papel fundamental na escritura da história. É em função da memória coletiva que a compreensão do passado e a forma como ele é retomado no presente deixam de ser feitas por meio de uma estrutura predeterminada e passam a ser feitas na perspectiva de grupos sociais envolvidos na sua construção. Ao possibilitar o confronto entre os grandes discursos e os testemunhos de vida de indivíduos e grupos não hegemônicos, a ideia de processos de construção social da memória viabiliza a análise de novos relatos sobre o passado, traz à luz fatos antes desconhecidos e propicia uma revisão e uma reescritura de memórias estabelecidas. Novos atores, novos espaços, novos agentes e outros interesses entram no jogo de disputa pela memória. Nesse contexto, além de surgirem, por parte de estudiosos, críticas a histórias e memórias oficiais, são desenvolvidos, também, conceitos sociológicos mais flexíveis que buscam compreender a construção da memória em uma perspectiva que acolhe a pluralidade.

De acordo com Jeanne Marie Gagnebin, “a rememoração é uma categoria-chave da filosofia da história de Benjamin, oriunda, sem dúvida nenhuma, da tradição religiosa judaica” (2009, p. 14). Desse modo, pode-se observar que, a todo momento, suas teses são perpassadas pela necessidade de rememoração como o combustível capaz de mover, moral e espiritualmente, os oprimidos em sua luta contra o inimigo. A rememoração (*Eingedenken*) em conjunto com a redenção messiânica (*Erlösung*) são ambas essenciais e inseparáveis na construção do novo conceito de história proposto por Benjamin. Rememoração e redenção são o desejo do historiador materialista. A rememoração, a conservação, a preservação configuram o trabalho humano no esforço da salvação, mas não a garantem, pois cabe ao Messias o triunfo da redenção. Conforme afirma Gagnebin,

O que desejam o historiador “materialista”, o crítico e o tradutor autênticos, é sempre, em Benjamin, a salvação, isto é, *mais que a conservação* piedosa do passado e das obras, *mais que sua preservação*, para sempre, nos arquivos e nas bibliotecas da memória. Esses gestos de conservação e de preservação são, certamente, essenciais; definem com sobriedade e humildade o trabalho humano. Mas não esgotam a significação da salvação, mais precisamente ainda da

*redenção (Erlösung)* que Benjamin sempre definiu igualmente, de maneira fundamentalmente anárquica e profundamente teológica, como o que não é somente libertação, mas também des-enlace, dis-solução (*Er-lösung*), o que põe fim à história e às obras, o que as aniquila e as consome. Combustão última onde resplandece a breve cintilação da felicidade em sua relação essencial com a morte, como a descrevia o “Fragmento Teológico-político”. Como o ressaltava esse texto e como o redizem as “Teses”, a verdadeira redenção não é de nossa competência, ela pertence ao Messias (GAGNEBIN, 2009, p. 112).

Em sua segunda tese, Walter Benjamin afirma que “[...] um encontro secreto está então marcado sobre as gerações passadas e a nossa”. E quem pode contribuir para que esse encontro aconteça de forma bem-sucedida é o anão teológico que conduz as jogadas do boneco do materialismo histórico no tabuleiro de xadrez turco (tese I). A exigência da rememoração feita às próximas gerações é o primeiro passo para que os sofrimentos e opressões das gerações passadas possam ser reparados. E essa reparação implica a ideia de um *presente* transformado que, se capaz de representar um reencontro com o passado perdido, pode, por sua vez, retomá-lo e transformá-lo.

É nesse contexto que Gagnebin introduz e compreende o sentido de *origem (Ursprung)* em Benjamin como “profundamente histórica”. Para ela, “paradoxalmente, a restauração da origem não pode cumprir-se por meio de um suposto retorno às fontes, mas, unicamente, pelo estabelecimento de uma nova ligação entre o passado e o presente” (GAGNEBIN, 2009, p. 16).

A origem benjaminiana está relacionada à possibilidade de um retorno a um estado de harmonia que se perdeu na conjuntura contemporânea. O conceito de *Ursprung* torna possível o entendimento do tempo histórico em termos de “intensidade e não de cronologia” (GAGNEBIN, 2009, p. 8) e por isso pode servir como ponto de partida para uma historiografia baseada em outra temporalidade, não linear. O *Ursprung* designa “a origem como um salto” (GAGNEBIN, 2009, p. 10) que remete ao passado pela via da rememoração e que interrompe o tempo cronológico ao associar-se à narrativa da historiografia tradicional. Essa interrupção causa uma ruptura no discurso nivelador do historicismo e provoca “recortes inovadores que estilhaçam a cronologia tranquila da história oficial” (GAGNEBIN, 2009, p. 10). Desse modo a origem é, ao mesmo tempo, um retorno ao passado e uma abertura ao futuro em forma de promessa da criação e da realização de algo novo que, só historicamente, pode ser concretizado.

A epígrafe da tese XII é uma citação de Nietzsche: “Precisamos da história, mas precisamos dela de outra maneira que o mimado caminhante ocioso no jardim do saber”. A ideia de Nietzsche de que a história precisa ser útil ecoa no pensamento de Benjamin. E ela é útil quando ajuda a classe operária a manter-se viva e a se nutrir da “visão dos ancestrais escravizados” para, então, entender seu papel de redentora, não das gerações *futuras* – como deseja a social-democracia – mas sim das gerações

*passadas*. É nesse sentido que Benjamin entende que o compromisso e a força para lutar pelo futuro e redimir os ancestrais martirizados estão diretamente relacionados ao não esquecimento, à memória dos acontecimentos passados.

A ideia de redenção que aparece, primeiramente, na tese II, tem continuidade nas teses III e IV. Esse tema tem, para o autor, um alcance tanto político quanto teológico (LÖWY, 2005, p. 109) e tem relação com o conceito de história que pode apresentar uma perspectiva externa e uma perspectiva interna. A primeira refere-se à história secular que se liga a datas, documentos, dados referentes a uma linha de tempo linear. A segunda é a história relacionada ao coração das pessoas e que não se desenvolve no mesmo tempo da primeira.

Na tese III, Benjamin escreve: “Certamente, só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza”. Nesta citação, o autor reafirma o vínculo entre redenção e rememoração e aponta para a importância de uma rememoração que se dê por inteiro, que inclua pequenos e grandes acontecimentos, que nada deixe de fora. Walter Benjamin não está preocupado em fazer uso do que é considerado valioso para desenvolver seu conceito de história. Ele prontifica-se a utilizar os resíduos da história e aplicar a ela o princípio da montagem. “Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2009, p. 503). Esse cristal é como uma mônada que o historiador materialista busca para construir a história.

Sua proposta de rememoração integral pode se dar por meio da narração da história feita pelos cronistas, sobre os quais Benjamin afirma:

Na base de sua historiografia está o plano da salvação, de origem divina, indevassável em seus desígnios, e com isso desde o início se libertaram do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas. (BENJAMIN, 1994b, p. 209)

A importância da rememoração de todas as coisas deve-se à necessidade de uma experiência revolucionária culturalmente rica dos mais diversos fenômenos do passado. A memória viva e concreta dos acontecimentos que envolveram os ancestrais dominados pode agir como “uma força que tem raízes tão profundas na história quanto a força fascista” (BENJAMIN, *Écrites autobiographiques*, p. 346 apud LÖWY, 2005, p. 111).

Dando sequência ao tema da redenção, na tese IV Benjamin retoma a questão da luta de classes. Para ele, mesmo movidos pelo desejo das “coisas brutas e materiais”, os atores sociais se valem de “coisas finas e espirituais” em sua luta pela libertação. A confiança, a coragem, o humor, a astúcia e a tenacidade, qualidades que habitam o espírito desses atores sociais, são capazes de retroagir “ao fundo longínquo do tempo”.

A ação de retroagir no tempo significa entender que o passado aspira ser iluminado pelo presente e nele ressurgir transformado no futuro. A rememoração não restaura a imagem em ruínas, mas ajuda a criar uma nova imagem, a imagem do futuro.

De acordo com Walter Benjamin, “articular o passado historicamente [...] significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num momento de perigo” (tese VI). E esse momento de perigo está relacionado à ameaça que a tradição e a classe oprimida correm de “deixar-se transformar em instrumento da classe dominante”. Nesta hora, é imprescindível lutar contra o conformismo e reatualizar a tradição para o tempo que virá. As lembranças do passado e suas tradições passam céleres e furtivas e, por isso, precisam ser capturadas no exato momento em que lampejam. Cada lampejo capturado seria como uma imagem verdadeira do passado que vem para ser confrontada com a “verdade” apresentada pela historicismo. Cada lampejo capturado seria, para usar uma metáfora de Walter Benjamin, como uma estrela perdida na imensidão do céu. Isoladas, essas imagens verdadeiras, na maioria das vezes, mal são reconhecidas, perdem sua força e seu brilho, podem ficar perdidas no tempo homogêneo e vazio ou até mesmo ser usadas em benefício do discurso triunfal dos vencedores. No entanto, quando essas imagens de importantes momentos do passado são sucessivamente rememoradas – como estrelas que ao se reunirem, formam um traçado e se constituem em uma constelação devidamente reconhecida e nomeada –, elas adquirem força necessária para serem capazes de romper o *continuum* do tempo como uma “constelação salvadora” e ligar o presente e o passado.

Na tese XVIIa, encontrada na obra “Walter Benjamin: aviso de incêndio”, de Michael Löwy (2005), Benjamin afirma que cada instante possui sua própria “chance revolucionária” que pode ser concretizada quando este instante, na forma de uma ação política, provocar a entrada em um determinado “compartimento” do passado, até então fechado. Este pensador revolucionário critica o conformismo social-democrata. É preciso agir. Não se pode ficar passivamente esperando que a revolução aconteça por si só, é preciso provocá-la, lutar por ela. Ele entende que o desejo de uma sociedade sem classes, que não é uma consequência ou uma meta do progresso da história, só será realizado por meio dessa ação política. E essa ação política, segundo o pensamento benjaminiano inclui, conjuntamente, a memória – a entrada em determinado compartimento do passado – e a intervenção messiânica na história.

## Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

\_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta (Prefácio). In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. *A filosofia da história de Walter Benjamin*. Palestra feita pelo autor em 28 de janeiro de 2002 na sede do Instituto de Estudos Avançados da USP. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142002000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340142002000200013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 ago. 2010.

PEIXOTO, Luiz Antonio da Silva. Walter Benjamin: uma visão crítica do progresso e da tecnologia. *Vértices*, v. 2, n. 1, p. 33-36, 1999.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

*Artigo recebido em: 29 maio. 2011*  
*Aceito para publicação em: 8 abr. 2012*